

SUBJETIVIDADE, CIDADANIA E NOVAS TECNOLOGIAS: INCLUSÃO E EXCLUSÃO EM PROCESSO

1- É preciso definir a vida?

Devemos escapar da alternativa do dentro e do fora: é preciso estar nas fronteiras. A crítica é a análise dos limites e a reflexão sobre eles.

Michel Foucault
(Ditos e escritos, 1954-1988)

Depois de período em que a própria sociologia não privilegiou a análise corporal, preferindo, por exemplo, enfoques econômicos, hoje é nodal o papel atribuído ao corpo nos mais diversos campos do saber. A biologia torna-se uma ciência decisiva para o século XXI. Os atuais movimentos de identificação e representação se dão, paradoxalmente, por meio da transmutação corporal, que ora levam a imagem aos limites da desconstrução, ora através de toda sorte de artifícios e tecnologias atuam sobre o próprio corpo, afirmando sua fragilidade ou investindo em sua desmaterialização. Todas estas estratégias, seus apelos, seus efeitos virtuais, tecnológicos, mercadológicos e políticos exigem um repensar dos padrões éticos. Se, à época das narrativas legitimadoras, o corpo ocupava o pólo negativo da dicotomia classificatória, agora se libera e se inventa em produções que reconfiguram os estatutos de real e irreal, privado e público, natureza e cultura, pondo em xeque os limites do corpo e suas possibilidades de significar.

No trajeto histórico, a paradoxal dinâmica bio-psico-sociológica foi ciclicamente esquecida em prol de uma visão esquizofrênica para privilegiar a mente, o sujeito como “res cogitans” em detrimento de sua encarnação. Daí a passagem de um processo de “expressão” a um processo de “representação”, enquanto verdade conceitual, ponte que o sujeito lança sobre o objeto. Tal redução tem sua fonte ainda nos gregos, e atinge seu ápice na época das Luzes, quando a sensibilidade corpo/imagem/sentido mais que nunca ficará subordinada, ao conhecimento. O positivismo, no século XIX, não fará senão acentuar este caminho destituindo de valor os campos da poesia, da infância, do jogo do divertimento, e reduzindo tudo à razão e à ciência¹.

O processo de valorização do corpo através dos tempos acompanha, de certa forma, a valorização da imagem de uma época (iconodulia) para outra (iconoclastia). Uma iconoclastia

¹ Sobre o desenvolvimento deste processo de racionalização e a discussão entre a política e a estética que implica a estetização do mundo contemporâneo, é importante a leitura de *As Estratégias sensíveis; afeto, mídia e política*, de Muniz Sodré. A construção das interações simbólicas são sublinhadas na constituição dos “socius”.

endêmica acometeu o ocidente em sua busca da verdade, de um absoluto sem rosto, diferentemente de outras civilizações do mundo marcadas pelas imagens e pelo politeísmo de valores (egípcios, chineses, América pré-colombiana, África negra, Polinésia). O ocidente, na busca de um sentido único, procurou anular a ameaça representada pela estética da imagem, pela valorização do corpo. Evidentemente, houve sempre movimentos de resistência, figurados com a encarnação crística ou a iconodulia gótica, quando as catedrais e sua figuração de vitrais, estátuas e iluminuras suplantaram pouco a pouco a austeridade dos mosteiros isolados da cidade. A sensualidade e a espiritualidade barrocas também buscaram na multiplicação em abismo das aparências atingir pelos sentidos a profundidade da iluminação. Santa Tereza de Ávila, de Bernini, é um exemplo da figuração corporal levada a seus limites. Soror Juana Ines de la Cruz e Dom Quixote têm percursos semelhantes.

Lembramos ainda o pré-Romantismo e o Romantismo, que privilegiaram os sentidos em pleno século das Luzes triunfantes. Esta estética nomeia o sexto sentido, além dos cinco que, classicamente, constituíam a percepção. O sexto sentido, enquanto faculdade de atingir o belo, seria uma terceira via de conhecimento ao lado da razão e da percepção usuais, privilegiando a intuição pela imagem e não a demonstração pela sintaxe. Nesta mesma linha de resistência ao racionalismo estaria o movimento simbolista, com a vidência do sentido e seu coroamento: o surrealismo.

O que se assiste no contemporâneo², segundo Gilbert Durand (1994), é um cruzamento paradoxal de duas linguagens: a racionalista, com seu viés tecnológico e a explosão das imagens, que ele vê como um efeito perverso da ciência.

Quando a razão está em crise, quando julgamos os conceitos simples racionalizações e a mente incapaz de guiar os atos individuais e o processo social, viramo-nos para o corpo e seus interesses como caminho do ser e do tornar-se. Isto aconteceu na virada do século XIX, que produziu, por exemplo, Nietzsche, Freud e Simmel, e ocorre agora quando o corpo se torna superfície privilegiada para a inscrição de sentidos.

Tais reconfigurações a propósito da subjetividade, progressivamente privada das ficções e fundamentos, determinam agudas discussões em torno de conceitos anteriormente estabelecidos de forma mais rígida como o da verdade, do bem e do belo, idéias que estruturavam o poder do sujeito e a existência dos objetos. O final dos anos 80 e o início dos

² Estamos datando o contemporâneo, mais precisamente, a partir dos anos 80, quando se desenvolve a discussão sobre a pós-modernidade e algumas de suas características ligadas aos fluxos econômicos sempre mais velozes aos processos de globalização, a derrubada das fronteiras, entre diversas áreas do saber e concomitantemente o valor atribuído ao cotidiano e a busca do bem-estar individual segundo imagens publicitárias sempre mais sedutoras.

anos 90, em meio a desconstruções de toda ordem, mergulham na destruição ou indistinção dos modelos, exemplificada pela queda do Muro de Berlim, pela dissolução da União Soviética, pelo questionamento dos padrões éticos, pelo processo de estetização geral próprio da sociedade do espetáculo e do consumo, com o seqüencial abalo do estatuto da criação artística, pelas turbulências e revoluções da nova física e da nova biologia e, finalmente, pela multiplicação de vozes que se configuram em reivindicações de singularização ou radicalismos de caráter fundamentalista num mundo que se globaliza: as dinâmicas da economia global e da identidade cultural local se cruzam. A homogeneização e/ou a diferenciação cultural são opções que catalisam as discussões de estratégias políticas e econômicas, individuais e comunitárias. O pensamento único e a descentralização lutam por seus adeptos, lançando mão de novos e variados suportes comunicacionais. As interpretações de Antônio Negri sobre o Império e a multidão, suas dinâmicas e possibilidades são exemplos de novos dispositivos de domínio e resistência que implicam biopolíticas.

Num cenário aparentemente caótico, configura-se uma nova ordem corporal da qual já não se pode falar de forma setorizada, mas dentro de uma visão antropológica global que considere os múltiplos mitos que atravessam a contemporaneidade, as invenções que revolucionam o conhecimento.

Tomaz Tadeu da Silva (Silva [Org.]. In: Cohen, 2000, 13-21), a propósito da crise das fronteiras entre o humano e o maquínico, entre sujeito e objeto, no enfoque de monstros, ciborgues e autômatos, traça breve panorama da sucessão de alguns autores e suas concepções da subjetividade: a Psicanálise e o descentramento representado pela introdução do inconsciente, as teorias pós-estruturalistas e o sujeito como produção da história ou as novas leituras de Deleuze e Guattari e seus corpos maquínicos, agenciados por todo tipo de máquina: biológica, humana, mecânica, eletrônica, natural, social, institucional.

Se a teorização de Deleuze e Guattari aponta, por vezes, para seres e processos que nos parecem demasiadamente teóricos e abstratos, a teoria cultural contemporânea vem nos dizendo que pelo menos alguns desses seres e processos já estão entre nós. Para a teoria cultural contemporânea, a “existência” de monstros, ciborgues e autômatos complica, definitivamente, o privilégio tradicionalmente concedido ao ser humano ou, se quisermos, ao “sujeito”, com todas as propriedades que costumam ser descritas no “manual do usuário” que o acompanha: essencialidade, consciência, autonomia, liberdade, interioridade. Os fundamentos da “teoria do sujeito” tornam-se ainda mais duvidosos com o desenvolvimento da chamada engenharia genética, sobretudo, as possibilidades abertas com a manipulação do

código genético e da clonagem. É sugestivo o título de matéria jornalística da *Folha de S. Paulo*: “País precisa definir o que é vida”. (Collucci, 2005, C-9).

2- A produção do luxo e do lixo

Num cenário globalizante gerido pelo mercado, as narrativas são despidas dos fatores de transcendência e as identidades sociais, formadas em torno dos conceitos de nação, etnia e classe, perdem crescentemente seu poder aglutinador. O corpo, suas expressões, envelopes e próteses propicia, então, análises mais singulares, fora da ótica macro dos grandes sistemas classificatórios predominantes no imaginário moderno. Diversos registros semióticos sem relações hierárquicas fixas concorrem para a gestação de uma nova sensibilidade e novos processos de subjetivação. É nesse contexto que diferentes discursos se cruzam para discutir a dinâmica corporal em relação aos dispositivos que, na sociedade do consumo e das novas tecnologias, propiciam linhas de sedimentação e controle ou linhas de atualização e criatividade direcionadas para um corpo comunicativo. Impõe-se, então, a avaliação crítica das novas estratégias de produção do sentido corporal no âmbito do mercado de bens materiais e/ou simbólicos. Até que ponto a desregulamentação global é agente de democratização, de participação e, até que ponto, é veículo de disseminação de pseudo-movimentos de subjetivação, pseudo-acontecimentos, em que a velocidade e as fantasias de interação constituem questões para reflexão sobre a manipulação/recriação corporal. Uma semiologia referente à superação do humano torna-se reincidente no imaginário midiático.

Na era industrial, o corpo era manipulado enquanto instrumento da produção, lugar de disciplina e controle; na sociedade pós-industrial, caracterizada pela difusão do saber e da informação, por uma tecnologia que ultrapassa a ciência e a máquina para tornar-se social e organizacional, repensa-se esse controle. O corpo dominado é apenas o do trabalhador ou o novo espectro global de fluxos, redes e imagens, é destinado a controlar sobretudo o cidadão consumidor através da produção incessante de serviços e desejos? Existem estratégias e pontos de fuga neste novo espectro da produção em que subjetividades-luxo contracenam com subjetividades-lixo (Rolnik. In: Daniel e Pelbart. (Orgs.), 2004, 229), constituídas pelos seres humanos refugados, produtos inevitáveis da construção do projeto da sociedade de consumo. São os consumidores falhos, excluídos do jogo capitalista, seres redundantes, como comenta Bauman.

É importante notar que se paradigmas anteriores de discriminação eram definidos e mais claros, referindo-se sobretudo a um imaginário ligado ao desvio de “uma naturalidade padrão”, parecia mais fácil combater o modelo hegemônico. A questão agora é a indefinição

dos fins e, portanto, dos meios. Não existem trilhas óbvias para os que foram excluídos e marcados como refugio, retornem ao quadro principal. O imaginário do “projeto” constrói um mundo a cada instante, produzindo obsolescência, descartabilidade e crescente lixo. Já não encontramos onde colocá-lo e isto é patente nos movimentos de violência que eclodem nas cidades (Paris, Los Angeles etc.) pela proximidade do luxo e do lixo.

Bauman usa a alegoria da agricultura vs mineração para expressar a criação do novo mundo contemporâneo. A agricultura devolveria o que o homem extrai da terra; a mineração é destrutiva, pois o que se tira da mina não pode ser substituído. A agricultura implica morte e renascimento. A mineração traz como efeito colateral, o descartável, implica a dissociação entre o produto alvo e tudo o mais que se coloque no caminho. É preciso remover a escória e o borralho do minério, o refugio. O lixo torna-se então ingrediente do processo criativo e recebe seu sentido dos projetos humanos que implicam a remoção do lixo. Este processo de produção e remoção atravessa a contemporaneidade e suas leis precedem a nomeação do refugio. Agentes de imigração e controladores de qualidade se fazem necessários para a proteção contra a ambivalência.

O mercado de consumo e o padrão de conduta que ele exige oferece produtos de consumo imediato, de preferência para um único uso. Nas revistas dedicadas a estilos de vida, as colunas que tratam das “novidades” ou do que está “in” (o que se deve ter, fazer e ser visto tendo e fazendo) ficam ao lado daquelas voltadas ao que está “out” e ao que você não deve ter ou fazer, nem ser visto tendo ou fazendo. As informações sobre a última moda vêm num pacote que inclui notícias sobre o último refugio: o tamanho da segunda parte do pacote de informações cresce de um número da revista para outro. (Bauman, 2005, 138).

Como bem assinala Manuel Castells (1999), numa perspectiva histórica mais ampla, a sociedade atual atinge um estado em que a cultura não é mais impotente frente às forças de uma natureza “essencial”, como num primeiro momento, nem a domina numa lógica racional, como se pretendeu em seguida a reboque de um mesmo imaginário dualista. No estágio atual, a cultura se refere à cultura a ponto de necessitar recriar uma natureza como forma cultural. A intensidade de matérias sobre uma nova qualidade de vida faz apologia de um orgânico que na verdade é mais sintético. O mesmo mito da naturalidade é usado inclusive para propalar a volta à oralidade na cultura eletrônica.

Os processos de subjetivação são sempre mais complexos e dependem de agenciamentos que comportam elementos heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica ou imaginária. Tais componentes serão examinados, tendo

como pólo de discussão o lugar do corpo produzido entre as dinâmicas da própria “corporeidade”, dos “discursos” e das “instituições”, sublinhando com Arthur W. Frank (1990) como os sistemas sociais são construídos a partir das ações do corpo que por sua vez recebem destes mesmos sistemas tarefas que são negociadas. As categorias do “desejo”, do “controle” e das “relações com os outros” e “com o próprio corpo”, como demonstra o autor, propiciam, na sua dinâmica, diferentes configurações do estatuto corporal em que a disciplina, o narcisismo, o domínio e a abertura comunicativa entram em jogo e produzem sentidos.

No diálogo instaurado entre o discurso científico, o discurso artístico e o discurso midiático, perguntamo-nos como o corpo vem sendo pautado no contemporâneo. Que aspectos da cultura corporal vem sendo enfatizados? Perfeccionismo estético? Saúde? Metamorfoses e hibridização? Desmaterialização utópica em avatares digitais? Materialidade trágica?

Segundo Jean-Claude Guillebaud (2001), a humanidade do homem, esta frágil evidência aparece ameaçada de desaparecimento, exigindo uma redefinição. Da biologia às neurociências, da genética às pesquisas cognitivas, a inteligência contemporânea trabalha para desconstruir as certezas às quais estávamos agarrados. Debates inumeráveis fazem nascer tanto na mídia quanto diante dos tribunais, os avanços da biociência (clonagem, procriação artificial, pesquisas sobre embrião, manipulações genéticas, transplantes de órgãos) e uma verdadeira reengenharia do corpo impõe a pergunta sobre os limites do humano. A genética parece aproximar-se de uma comunidade indiferenciada entre o homem e o animal. As ciências cognitivas apontam o cérebro-computador, a inteligência artificial aproxima o homem da máquina.

Para o bem ou para o mal nos é dado o poder de recuar as fronteiras biológicas, de desafiar o destino corporal, de conjurar as antigas fatalidades da fisiologia ou da genealogia, de curar doenças incuráveis. Tais avanços são acompanhados de terrível medo. Copérnico expulsou o homem do coração do universo, Darwin, do seio da natureza, a procreática se apressa em expulsar o homem dele mesmo.

A cultura contemporânea respira um sentimento ciclótico de euforia e desastre, de controle e catástrofe, sendo tal clima bastante visível na pauta midiática. Os avanços da ciência em diversas áreas se alternam com seus abusos. Uma espécie de novo “iluminismo tecnológico” ganha terreno e, simultaneamente, vozes se levantam para pedir mais ética e cuidado, ou para predizer o caos. Luxo e lixo. O corpo humano, indissolúvelmente ligado à mente na construção da subjetividade, vai participar dos diversos humores, tentando

pensar/sentir nos limites e fronteiras. Ainda para Guillebaud (id, ibid, 15), a morte do homem anunciada por Nietzsche, se completaria sob o efeito das tecnociências, da rede numérica, da genética e das ciências cognitivas. Descobrimos com espanto numerosas análises convergentes sobre a idéia de que o homem tradicional está em vias de desaparecimento. Nos discursos da mídia ou das diversas áreas da cultura parece existir pouca crítica e muita erudição tecnológica que beira a extravagância. Para predizer a próxima dissolução do ser humano alguns se apóiam na informática e saúdam a aparição do ciberespaço, interconectando a humanidade inteira. Outros levam ao limite as metáforas da genética e substituem o indivíduo, escala ultrapassada, pelo movimento autônomo de suas próprias moléculas. Outros enfim prolongam as intuições e postulados cognitivistas para anunciar um nova síntese entre o animado e o inanimado.

3- O humano depois do fim

Olho de vidro. Aparelho nos dentes. Platina no nariz. Pino na bacia. Perna de pau. Pinto de borracha. Cronômetro embutido. Braço mecânico. Marca-passo. Ponte de safena [...]. Não suja. Não laceia. Acompanha estojo de viagem. Vinte e quatro funções. Trabalha à pilha e à luz. Lavar em água morna. Se agita com antenas. Se acalma com eletrochoque.

Fernando Bonassi

A epígrafe satiriza a promiscuidade entre o humano e o maquínico na descrição publicitária de um novo produto: o homem tecnológico.

Como classificar as criaturas que vêm surgindo da interação entre o homem e as máquinas cibernéticas? O que seriam os novos corpos feitos de carbono com silício? O que é uma subjetividade cyborg? O pós-humano será nosso futuro pós-biológico?

Transcrevendo visões ousadas e discutíveis de teóricos sobre o assunto, Tomaz Tadeu da Silva (2000, 11-17), sublinha que a questão não é mais, agora, “quem é o sujeito”?, mas “queremos, ainda, ser sujeitos”?, “quem precisa do sujeito”?, “quem tem nostalgia do sujeito”? ou “quem vem depois do sujeito”? Obviamente tais questões se produzem na seqüência de transformações do imaginário corporal sob o impacto das novas tecnologias biológicas e informacionais.

Vivemos um tempo pós-humanista se considerarmos que o humano era sinônimo para a filosofia modernista de um representante abstrato universal, lugar da voz e da visão fundadoras. O humano era, sobretudo, o possuidor de um sentido do ser como sujeito de suas próprias experiências. O humano do humanismo era, em última instância, a razão, a

consciência. O corpo, neste contexto, não oferecia grande interesse, enquanto substância orgânica, aparência, desejo ou paixão. Pelo contrário, era algo que, pertencendo à natureza, à exterioridade, sofria, assim, duplo e paradoxal distanciamento: ou era a natureza utópica intocável; ou a natureza incontrolável caótica e catastrófica. Esta questão do dado natural e do adquirido está no cerne dos desejos e das representações corporais hoje.

Num momento em que o sujeito e o mundo flutuam desdramatizados em infovias virtuais, Jair Ferreira dos Santos (2002) vê de forma crítica “a estética da comunicação” descrita por Mário Costa (1988) como nova visão da arte e sua capacidade de provocar percepções e, mesmo, uma nova antropologia. O “sublime tecnológico” referido por Mário Costa, não seria uma versão nova do Iluminismo? Deslumbramento e divinização da técnica?

A revolução tecnológica provoca abalos nas fronteiras de diversos campos, anteriormente definidos de maneira mais padronizada como os de gênero, beleza, faixa etária. A nova estética identitária é dirigida pela mutação. Os parâmetros nacionais e culturais tornam-se complexos com a alteração do tempo/espaço pelas teletecnologias. Crescem as discussões éticas sobre os novos modos de ocorrência do vínculo social num tempo de encontros virtuais, sobre a disputa das patentes das seqüências do genoma humano e os limites da prática da engenharia genética (o conceito de concepção, a questão dos embriões terapêuticos ou o entendimento de morte cerebral).

Vive-se um momento em que são revistos os lugares do sujeito, do objeto e de suas interações. Assistimos a alternância de duas atitudes: o catastrofismo e o otimismo beato. A radicalidade das posições ficam claras nas manchetes midiáticas que vulgarizam e ficcionalizam promessas científicas ainda longínquas. As fronteiras da perfeição estética, da velhice e da morte, parecem estar suspensas. O ano 2000 tem cara de ficção científica, com robôs domésticos, objetos obedientes, pílulas contra obesidade, orgasmo químico e gravidez sem barriga.

Uma nova era, dominada pelas técnicas, acasala o ser vivo (bio) ao mineral (lithos) e torna-se necessário uma reflexão política sobre sua utilização. Os discursos se contradizem ao ponto de se tornarem pouco utilizáveis como outrora as encíclicas romanas. Palavras demais, certamente, matam a palavra. Instala-se uma certa perplexidade a qual a mídia faz eco, tratando os avanços científicos na prensa, cedendo ao feérico da ciência, à profecia da catástrofe ou ao efeito de anúncio: “Cientistas começam a criar embrião sem pai” (Zitner, 2001, 22). “Mapa revela afinidade entre homens e vacas” (Azevedo, 2000, 23). “Tomografia ‘congela’ sentimento humano” (Leite, 2000, A 17). “O risco de exterminar o próprio futuro”

(Magno, 1999, 3). Na tentação de aperfeiçoar a nossa espécie, corre-se o risco do retorno a eugenia. Os progressos científicos contemporâneos particularmente a revolução genética trouxeram grandes esperanças, mas também questões alarmantes, como, por exemplo, a divulgação, em revistas científicas, de falsas descobertas ou o alarde publicitário em torno do acesso democrático e/ou imediato a tais conquistas.

Os discursos misturam as lógicas da revolução biotecnológica, a lógica do mercado e a do campo comunicacional, trazendo novas percepções da inscrição do humano e perguntas sobre sua redefinição. Ben Goldacre, em artigo no jornal britânico *The Guardian* (www.guardian.co.uk/life/badscience), critica o modo como articulistas e editores fazem picadinho de pesquisas que viram manchetes, denunciando a inconsistência e a irrelevância de muitos estudos. Segundo ele, os meios de comunicação criam uma paródia da ciência para uso próprio e atacam esta paródia como se estivessem criticando a ciência. São três as famílias de paródias exploradas: matérias excêntricas, matérias de meter medo e matérias sobre grandes avanços. Marcelo Leite, em artigo na *Folha de S. Paulo*, comenta o fato e sem radicalismos aponta a necessidade dos próprios cientistas tomarem cuidado com a má ciência que será reproduzida pelo mau jornalismo. O fato é que o leitor se encontra permanentemente inscrito num certo clima cuja base é freqüentemente publicitária. (Leite, 2005, 9).

Refletindo sobre a inscrição do homem na complexidade contemporânea, Mário Perniola (2005), refere-se a um dinamismo tecno-social, resultado de prática de hibridação, dando lugar a formas técnicas de existência e deslocando significados e pensamentos além da fronteira do humanismo. Somos transferidos de uma forma de habitar sedentária ou nômade, ambas baseadas na centralidade do sujeito, para formas exotópicas e transorgânicas da existência, produto da quebra das fronteiras entre corpo e máquina, sujeito e objeto, identidade e alteridade. O pensamento do autor, de certa forma põe em relevo a importância assumida pela circulação dos objetos, notadamente no momento atual com suas novas mercadorias comunicativas, cuja fantasmagoria já era anunciada por Walter Benjamin no final do século XIX a propósito dos produtos industriais expostos nas vitrines das galerias européias. Era o surgimento de um novo tipo de fetichismo pelo surgimento de um objeto transfigurado, reproduzido pela publicidade, pela fotografia, imprensa e cinema. “As exposições universais e os novos centros de consumo inaugurarão, portanto, não somente o surgimento de um novo tipo de espaço urbano, mas também o advento de uma nova forma de interação social transorgânica” (Perniola, id, ibid, 15).

O autor busca pensar a subjetividade de forma mais corporal, coisa entre coisas, como diria Caeiro. O devir poético para ele parece ser um caminho não só estético, mas político para os novos encontros que o contemporâneo vem propiciando. No campo da arte, Mário Perniola aponta para as instalações e a dinâmica que propiciam entre alteridade e identidade, nos processos de subjetivação. Por sua vez, Bauman condena estas mesmas instalações como caminho do aleatório e do indiferenciado, que faz desaparecer a alteridade.

“A realocação de imagens do foco da atenção para o depósito de lixo – a irrelevância e a invisibilidade – é aleatória. A discrepância entre ‘o objeto’ e seus ambientes indiferentes foi quase obliterada, mais ou menos da mesma forma que o tempo que separa o momento de estar em foco daquele ser afastado para longe dos olhos” (Bauman, op. cit., 149).

Afirmando a multiplicidade, Massimo Canevacci (2005, 91-96) fala sobre tornar-se olhar, não no sentido mediador entre razão e mundo, mas como atravessador de fragmentos ópticos-eróticos. Olhos de “voyeur”, olhos participantes que olham e se deixam olhar. O objetivo é ir além e não conflitar com o dualismo corpo/mente, reduzindo-o ao Um. A multiplicidade, para o autor, desarticula o corpo e produz novas anatomias. Neste sentido, ele critica o CsO deleuziano por roubar o plural do eu, com um movimento que não é espacial, mas estancialidade filosófica “não é auto-interpretação e construção: mas hetero-experimentação”.

O coreógrafo, artista plástico, escritor e cineasta Jan Fabre, em entrevista, afirma que para ele o corpo é um estranho laboratório: “Um instrumento com o qual me levanto todas as manhãs. Meu trabalho sempre trata do corpo, do corpo social, do corpo político, do corpo erótico. Eu manipulo esse corpo, eu o desintegro para depois reuni-lo. Lido com a dimensão física, espiritual e erótica do corpo” (Rocha, 2001, E 8). Sua declaração confirma a quebra das fronteiras sublinhada sempre mais na edição do corpo na mídia. Imaginário frequentemente utópico criado com o auxílio da ciência, da moda, da arte e da publicidade.

Referências bibliográficas:

- AZEVEDO, Ana Lúcia. *O Globo*. O Mundo/Ciência e Vida, 18 de setembro de 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANEVACCI, Massimo. *Ide*, n. 41, julho 2005.
- CASTELLS, Manuel. *La era de la información: economía, sociedad y cultura*. vol. 1 – La sociedad red. Madrid, Alianza, 1999.
- COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*; organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COLLUCCI, Cláudia. *Folha de S. Paulo*. Cotidiano, 13 de março de 2005.
- COSTA, Mário. *L'estetica della comunicazione: cronologia e documenti*. Salerno, Palladio, 1988.
- DURAND, Gilbert. *L'imaginaire: essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.
- FRANK, Arthur W. *Theory Culture & Society*. London: Sage Publications, 1990.
- GUILLEBAUD, Jean-Claude. *Le principe d'humanité*. Paris: Seuil, 2001.
- LEITE, Marcelo. *Folha de S. Paulo*. Folha Ciência, 20 de setembro de 2000.
- LEITE, Marcelo. *Folha de S. Paulo*. Folha Ciência, 18 de setembro de 2005.
- LINS, Daniel e PELBART, Peter Pál. (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze – Bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004.
- MAGNO, Carlos. *Jornal do Brasil*. Estilo de Vida, 16 de maio de 1999.
- PERNIOLA, Mário. *O sex appeal do inorgânico*; tradução Nilson Moulin. São Paulo: Studio Nobel, 2005. – (Coleção Atopos: novos espaços de comunicação).
- ROCHA, Daniela. *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 18 de julho de 2001.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. *Breve, o pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora; Paraná: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborque: as vertigens do pós-humano*; organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis; afeto, mídia e política*. Petrópolis, RJ.: Vozes, 2006.

ZITNER, Aaron. *O Globo*. Ciência e Vida, 13 de agosto de 2001.

Notas bibliográficas:

DURAND, Gilbert. *L'imaginaire: essai sur les sciences et la philosophie de l'image*. Paris: Hatier, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica”. In: COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*; organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 13-21.

COLLUCCI, Cláudia. “País precisa definir o que é vida”. In: *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano. 13 de março de 2005, C-9.

ROLNIK, Suely. “O ocaso da vítima para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência”. In: LINS, Daniel e PELBART, Peter Pál. (Orgs.). *Nietzsche e Deleuze – Bárbaros, civilizados*. São Paulo: Annablume, 2004, 229.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, 138.

CASTELLS, Manuel. *La era de la información: economía, sociedad y cultura*. vol. 1 – La sociedad red. Madrid, Alianza, 1999.

FRANK, Arthur W. *Theory Culture & Society*. London: Sage Publications, 1990.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *Le principe d'humanité*. Paris: Seuil, 2001.

Idem, *ibidem*, 15.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborque; as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 11-17.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Breve, o pós-humano*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora; Paraná: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COSTA, Mário. *L'estetica della comunicazione: cronologia e documenti*. Salerno: Palladio, 1988.

ZITNER, Aaron. “Cientistas começam a criar embrião sem pai”. In: *O Globo*. Ciência e Vida, 13 de agosto de 2001, 22.

AZEVEDO, Ana Lúcia. “Mapa revela afinidade entre homens e vacas”. In: *O Globo*. O Mundo/Ciência e vida, 18 de setembro de 2000, 23.

LEITE, Marcelo. “Tomografia ‘congela’ sentimento humano”. In: *Folha de S. Paulo*. Folha Ciência, 20 de setembro de 2000, A 17.

MAGNO, Carlos. “O risco de exterminar o próprio futuro”. In: *Jornal do Brasil*. Estilo de Vida, 16 de maio de 1999, 3.

LEITE, Marcelo. “Má ciência e mau jornalismo”. In: *Folha de S. Paulo*. Folha Ciência, 18 de setembro de 2005, 9.

PERNIOLA, Mário. *O sex appeal do inorgânico*; tradução Nilson Moulin. São Paulo: Studio Nobel, 2005. – (Coleção Atopos: novos espaços de comunicação).

idem, *ibidem*, 15.

BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.*, 149.

CANEVACCI, Massimo. *Ide*. n. 41, Julho 2005, 91-96.

ROCHA, Daniela. “Jan Fabre derrama sangue em Avignon”. In: *Folha de S. Paulo*. Ilustrada, 18 de julho de 2001, E 8.